

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Antonio Carlos Marques Guerra Júnior¹; LÍlian Miranda Bastos Pacheco²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: karlguerraup@gmail.com.br

2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: dlp@terra.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Estado da Arte – Produção Científica, Educação Infantil, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Constata-se que a população brasileira é fruto de um rico processo de miscigenação que se deu ao longo dos séculos. Produto final da reunião de etnias distintas, que em diferentes momentos históricos, por diversas vias e motivações adentraram e se estabeleceram em território brasileiro. Nosso povo descende das diversas etnias indígenas que já habitavam essas terras desde antes do início do processo de colonização que se deu com a chegada dos portugueses. A partir de então o elemento branco foi introduzido na formação da população e se iniciou o processo de mestiçagem que se enriqueceu ainda mais com a introdução das diversas etnias negras trazidas ainda no período colonial. Posteriormente outros grupos étnicos se somariam a esses (ciganos, hispânicos, nipônicos, arianos, árabes, entre outros) contribuindo para a formação deste mosaico de fenótipos étnicos que forma a nação brasileira.

Não obstante esta realidade de população multirracial, sobrevive no Brasil o estigma da discriminação racial, fruto de mais de 400 anos de sociedade escravista e hierarquização racial apoiada em valores eurocêntricos que compreendem o caucasiano como superior aos demais componentes étnicos dos brasileiros. Desde o início da colonização as nações indígenas foram subjulgadas, física e culturalmente, ainda que tenham oferecido resistência seja no confronto aberto, seja com fugas para o interior da região, estavam, porém, em desvantagem frente ao poder de fogo dos colonizadores de modo que essa tensão culminou num processo de dizimação desses povos.

O negro foi trazido, sob imposição da força, de várias partes do continente africano para trabalhar nas lavouras e engenhos, garantindo assim o sucesso da economia agrária. Sob o julgo da escravidão foi a população negra quem construiu essa nação, servindo de mão de obra indispensável para o sistema econômico então instituído. Por séculos a sociedade escravocrata teve que conviver com movimentos de resistência negra, caracterizados, sobretudo pelo elemento da fuga, que aponta para o fato do negro, fosse ele trazido do continente africano ou nascido no Brasil, não ter se mantido passivo diante de sua condição de escravo. O sistema escravista entra em decadência no século XIX quando se observa seu declínio e a promulgação de leis que gradualmente extinguem em âmbito oficial a escravidão.

A abolição da escravatura não foi o suficiente para devolver a dignidade, garantir os direitos e reparar as perdas da população negra do país. Ainda dentro do sistema escravista, negros e pardos, mesmo que livres, sentiam o peso da discriminação de uma sociedade que os encarava como cidadãos de categoria inferior. Não foram desenvolvidas políticas específicas para a inserção do negro na sociedade, de modo que essa porção significativa da população brasileira ficou relegada ao analfabetismo e ao serviço braçal e/ou informal. Quanto a trajetória desses recém-libertos (Fraga Filho, 2006) alguns permaneceram nas fazendas onde trabalhavam e viviam, outros mudaram para fazendas circunvizinhas, outros, ainda, migraram para as cidades em busca de melhores condições. Contudo, sem capacitação profissional para ingressar no mercado de trabalho capitalista, competindo com a mão de obra especializada imigrante, a população negra continuou à margem do desenvolvimento econômico do país.

Passa a residir em cortiços e posteriormente foi relocada para áreas distantes dos centros urbanos dando origem às atuais favelas.

É possível constatar os efeitos que hoje se fazem sentir a partir desse desenvolvimento histórico sobre toda a sociedade. O eixo dessa pesquisa são as crianças não-brancas na idade de zero a seis anos e o impacto de tais efeitos sobre elas, sobretudo no que se refere à sua constituição identitária e intelectual. O objetivo desse estudo consiste em mapear e analisar a produção acadêmica no campo da Educação Infantil, no intuito de reconhecer modos e formas, aspectos e dimensões em que esta tem sido realizada. Interessa-nos ainda, refletir sobre a formação do professor e suas práticas em sala de aula diante de questões étnicas. A inclusão da temática das relações étnico-raciais na formação dos professores na Educação Infantil se justifica pela necessidade em se criar oportunidades para conhecer e valorizar a história e as culturas de matrizes africanas e indígenas ao ambiente escolar, bem como fomentar a incorporação dessa temática na prática docente que, por conta de uma má formação, em geral mostra-se omissa diante desta realidade. Com efeito, existe um acervo de objetos, cores, significados para representar e valorizar a criança, a família, o profissional branco enquanto não há o mesmo para representar o negro (Cavalleiro, 2003), tão pouco os demais grupos étnicos que compõem a população brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se enquanto Estado da Arte a medida que artigos científicos, publicados em periódicos ligados a programas de pós-graduação em Educação, do período de 1990 a 2003 (ano em que se iniciou a pesquisa).

Enquanto fonte de dados utiliza-se periódicos, classificados pela QUALIS-CAPES, no ano base 2003, na área de Educação, como internacional. Como a pesquisa em questão encontra-se ainda em andamento, para efeito de apresentação do presente trabalho, serão apontados os resultados obtidos a partir do periódico *Cadernos de Pesquisa – FCC*.

Dessa fonte foram identificados os artigos sobre o tema em questão, tendo como referência a presença, no título, palavras-chave ou no resumo, dos seguintes descritores: creche, pré-escola, educação infantil, zero a seis anos, criança, infância e simultaneamente com qualquer um destes, formação de professores, relações étnico-raciais ou palavras afins.

A pesquisa se propõe identificar e analisar as produções acadêmicas sobre a temática *Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais* com o intuito de fazer uma revisão bibliográfica, enfocando o aspecto do preconceito e da discriminação, sofridos por crianças não-brancas no espaço escolar, durante a Educação Infantil e os problemas que essas ações geram ao longo de sua carreira acadêmica.

Os artigos estão sendo analisados considerando-se os seguintes dados: data de publicação; autoria e filiação institucional; objeto de estudo; enfoque teórico e metodológico.

Dentro do recorte temporal proposto foram identificados sete artigos referentes à temática pesquisada. Apenas no ano de 1993 foram encontrados mais de um artigo (dois) que abordavam o tema das relações étnico-raciais. As demais publicações ocorreram nos anos de 1991, 1992, 1995, 1996 e 1999.

Observa-se que apenas uma autora publicou três artigos (Pinto, 1992, 1993, 1999), uma publicou dois artigos (Rosemberg, 1991, 1996) e dois autores publicaram um artigo (Barcelos, 1993 e Valente, 1995). Não foram identificados artigos de autoria múltipla de modo que obtivemos um total de quatro autores.

Do total dos autores um pertence ao sexo masculino enquanto três pertencem ao sexo feminino. Foi analisada, ainda, a profissão exercida pelos autores na época da publicação e constatou-se que duas atuavam como professoras, uma como pesquisadora vinculado à

fundação, e um era aluno de pós-graduação. Referente ao vínculo institucional duas autoras mantinham vínculo com a Fundação Carlos Chagas, uma delas, no período de publicação de um dos artigos declarava vínculo também com a Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP. O terceiro autor pertencia ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ e a quarta autora Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Quanto à frequência de publicação por tipo de instituição observa-se: duas de instituições públicas e cinco de fundações. No que diz respeito à localização geográfica das instituições as quais os autores estavam vinculados na época da publicação nota-se um predomínio da Região Sudeste em seis publicações. A Região Centro-Oeste apresentou um dos artigos publicados.

Nos artigos analisados há cinco estudos empíricos, um deles enfoca formação de professores e materiais didáticos, outro aborda situações de preconceito explícito na pré-escola, outras três se detêm a análise de dados quantitativos sobre carreira escolar. Outras duas pesquisas são bibliográficas, apresentando reflexões teóricas, conceitos ou concepções de adultos sobre a discriminação étnica e o preconceito racial vigente na sociedade.

DISCUSSÃO

Uma vez analisados os artigos estes foram agrupados tendo em vista seus respectivos objetos de estudo. Com efeito, alguns textos poderiam ter sido classificados em mais de uma categoria, contudo, por questões metodológicas, optou-se por uma única classificação por artigo. Para a referida classificação considerou-se as palavras-chave, o resumo e a leitura integral do texto. O resultado pode ser observado na Tabela 1:

TABELA 1: Frequência da categoria objeto de estudo por ano de publicação

Objeto de Estudo	Ano de publicação													Total	
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002		2003
Trajectoria Acadêmica dos Estudantes		1		1			1								3
Análise de Publicações			1												1
Processos Educacionais				1		1				1					3
Total		1	1	2		1	1			1					7

FONTE: Própria

Observa-se que há uma maior concentração de estudos referentes às condições de acesso ao sistema educacional considerando a variável raça como determinante nas trajetórias acadêmicas dos estudantes. Rosemberg (1991) constata que as oportunidades educacionais das crianças negras são as que apresentam pior qualidade dentre as oferecidas pelo sistema de ensino. Destaca ainda a presença expressiva de crianças negras de sete a nove anos na pré-escola, dado ainda mais evidente se isolada a Região Nordeste do país. Sua pesquisa aponta para o potencial de segregação racial presente em programas pré-escolares de custo reduzido destinados a população mais carente. Em seu artigo Barcelos (1993) analisa o funcionamento do sistema de ensino embutido no contexto das diferenças étnicas, observando os desempenhos obtidos pelos grupos raciais. Aborda as taxas de aprovação, reprovação e evasão dos estudantes. Aponta que os índices obtidos por pretos e pardos são inferiores aos dos demais grupos étnicos, evidenciando que o elemento racial ainda apresenta efeitos na vida escolar. Rosemberg (1996) pondera sobre as diferentes trajetórias entre os gêneros no que se

refere às carreiras escolares “evidenciando uma bipolarização masculino-feminina nas engenharias e humanidades” (opus. cit. p. 58) desde a Educação Infantil à graduação. Essas divergências tornam-se ainda mais acentuadas se analisadas dentro da perspectiva tríplice: classe, raça e gênero.

Pinto (1992) faz uma análise do tipo Estado da Arte realizando uma análise de publicações considerando as temáticas enfocadas no periódico *Cadernos de Pesquisa* que relacionem as categorias “Raça” e “Educação”. Aponta para a prioridade dada pelos autores em escrever sobre a representação das categorias étnicas em material didático e paradidático, análises estatísticas em função da raça/cor da população e o processo identitário da criança negra.

Tendo em vista os processos educacionais Pinto (1993) discute sobre a dinâmica educacional de brancos e negros além da reação do Movimento Negro perante essa situação, sobretudo no que diz respeito à construção da identidade da criança negra. Valente (1995) parte de uma pesquisa empírica utilizada em escolas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para esboçar uma proposta de enfrentamento do racismo a ser desenvolvida com crianças na idade de zero a seis anos. Pinto (1999) apresenta um parecer acerca da formação que o Curso de Habilitação para o Magistério em nível de segundo grau proporciona aos estudantes, futuros professores, para interagir com uma turma que apresenta diferenças étnico-raciais. Para tanto analisa três dimensões do curso: currículos, livros didáticos e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia caracterizada enquanto Estado da Arte tem como objetivo permitir uma análise geral da produção científica, no que diz respeito à formação de professores e relações étnico-raciais na Educação Infantil. Percebe-se que a produção científica acerca da temática enfocada ainda é bastante tímida o que aponta para um preocupante desinteresse dos pesquisadores sobre essas questões de tamanha importância uma vez que se referem à formação da identidade étnica de crianças de zero a seis anos e o combate do preconceito e da discriminação étnico-racial. Vale ainda salientar que essa temática parece ser ainda menos contemplada quando relacionada à formação de professores que não encontram durante sua capacitação profissional instrumentos para lidar com as adversidades que podem surgir em sala de aula referente as diferenças étnicas.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, L.C. 1993. Educação e desigualdades Raciais no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.86, p. 15-24.
- CAVALLEIRO, E. 2003. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 4. ed. São Paulo: Contexto.
- FRAGA FILHO, W. 2006. *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870 – 1910)*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- PINTO, R.P.1992. Raça e educação: uma articulação incipiente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 80, p. 41-50.
- PINTO, R.P. 1993. Movimento Negro e educação do negro: a ênfase na identidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.86, p. 25-38.
- PINTO, R.P. 1999. Diferenças étnico-raciais e formação do professor. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 108, p. 199-231.
- ROSEMBERG, F. 1991. Raça e Educação Inicial. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 77, p. 25-34.
- ROSEMBERG, F. 1996. Educação Infantil, classe, raça e gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 96, p. 58-65.
- VALENTE, A.L. 1995. Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 93, p. 40-50.